

Em Creta, tem a alegria de encontrar algumas almas autênticas, alguns companheiros sólidos que o escutam e o aprovam. Pega algumas semanas de prisão. Uma prisão bastante confortável por sua exaltação, onde seus amigos lhe vêm fazer companhia e os guardas lhe trazer os pratos suculentos que lhe prepara sua mãe.

Um plano de ação não lhe basta. Semelhante aos santos ortodoxos, dos quais nossos ícones relatam fatos e gestos sobre vários planos superpostos, paralela e simultaneamente às suas atividades políticas, ele conduz uma ofensiva literária. Seu lápis corre sobre o papel de uma maneira furiosa; as palavras são apenas indicadas. Precisar-se-á de tempo para se habituar a essa estenografia pessoal e chegar a decifrá-la...

Em Berlim, no ano anterior, havia ele dado seu credo "meta-comunista", a *Ascese*, que jamais renegou e que sempre considerou, ao contrário, como a quintessência de seu pensamento e de sua obra. Em Creta, diante do mar violento e violáceo, numa casa abandonada, à borda da cidade, ele se isola para escrever a primeira versão de sua *Odisséia*. "É preciso que eu cuide de meu corpo, confessa ele; do contrário, esta obra me derrubará."

Escrever a *Odisséia* não é absolutamente para ele escrever uma obra poética. É realmente talhar na rocha a máscara nova de Deus. Ulisses será o homem novo, aquele que, após ter procurado Deus através dos continentes, após haver acreditado tê-lo encontrado, percebe que suas duas grandes mãos continuam vazias de qualquer substância divina. Não há mais dúvida. A certeza é total: o pássaro azul jamais existiu, a não ser no coração do homem. Para uma alma digna, só resta se encaminhar, sem pestanejar, com um passo alerta, para o abismo.

Como um Picasso, demônio sagrado de mil facetas, utilizará tudo o que lhe cai sob os sentidos — palavras raras e do dia-a-dia que mantiveram seu sabor original; cores, plumas e plantas exóticas, sons e perfumes, lendas e máscaras africanas, canções populares gregas, suspiros e elans místicos, velhos como o mundo... Ele os pesará alguns segundos, os passará na peneira, os podará ou enriquecerá, os desfigurará ou os embelezará segundo seu próprio critério, para fixá-los com um golpe seco e sem a menor hesitação, nesta vasta composição que dará à nossa literatura seu mosaico mais brilhante, o mais ousado direi, desde os tempos de seus antepassados venerados: Dante, Homero e os hagiógrafos iluminados de Bizâncio.

Pouco lhe importa o escárnio dos inimigos que o repelem sem jamais o ter lido e as condolências daqueles que queriam que ele fosse um filósofo político. Durante quatorze anos, ele queimará alegremente a tocha de duas extremidades — seu próprio corpo — para terminar seu manuscrito. Sete vezes o monstro beberá seu sangue. E, infalivelmente, entre duas revisões carnívoras, uma grande e fértil viagem para "arejar" seu cérebro. Com, além do mais,

algumas obras "menores" (das palavras entre aspas são dele) suas doze tragédias em versos (*Prometeu, Cristo, Buda, etc...*) seus cantos em rima tripla, e, ainda, "remédio seguro contra o tédio" as traduções em versos e sem *enjambement* da *Divina Comédia*, da *Iliada*, de *Fausto*, de *Otelo*, dos poetas espanhóis modernos e de Rabindranath Tagore...

Concluídos os primeiros cantos da *Odisséia* (33.000 versos!), Kazantzaki levanta a cabeça para... "se arejar". Não podendo se oferecer uma longa viagem das que ele amava, parte para as Cíclades com um jovem amigo jornalista. "O milagre grego" o pega na garganta. Mikonos, a ilha "lunar", o transporta; de repente, ele entra em pânico, precisará se exorcizar de tanta beleza. Eis aqui — plano de batalha e confissão — o que ele escreve a um de seus companheiros de estrada que parou no meio do caminho e o renegou, depois, diversas vezes:

*"Pela primeira vez, compreendi perfeitamente, voltando das ilhas do mar Egeu, estas duas coisas:*

- 1) *O que chamamos o Espírito grego.*
- 2) *Quão distante de nossas angústias e de nossas esperanças atuais se acha esse espírito.*

*Todas as divinas visões das ilhas — luz, cor, forma, quietude, equilíbrio, medida, harmonia — são, para a época em que vivemos, "Luxuswaren", ornamentos, plumas brilhantes, uma sabedoria de professor. Se pela palavra civilização queremos dizer "resposta fértil", isto é, resposta adaptada à época, ao país e à raça — aos problemas eternos — então a resposta que deram os gregos antigos não nos interessa senão nisto: dos três elementos — época, país, raça — só o país permanece o mesmo. Assim, compreender a montanha, a árvore, a água, as ilhas gregas, pode nos servir de resposta contemporânea. A Grécia dará de novo uma forma de equilíbrio e de harmonia às potências físicas e morais que se entredevoram, mas os elementos que vão agora formar o material desse equilíbrio serão inteiramente diferentes.*

*Aí esta o perigo e o preço do amor que se tem pela civilização grega. É difícil distinguir entre os elementos que são úteis e os que continuarão a ser eternamente um espetáculo divino, mas inútil."*

E ainda mais:

*"Para nossa época imediata, para nosso dever, a compreensão da harmonia grega nascente do país é também perigosa, porque pode romper nosso élan para a destruição e o Caos. Creio que nosso primeiro dever atual é romper o equilíbrio, destruir. Somente assim, o solo estará limpo, a terra estará quei-*